

## Sorry, so much action!

Esta exposição de *Isabelle Faria* aborda a temática da gula. Centra-se na especulação do cardápio dos imperativos da consciência. Numa associação de ideias, veio-me à memória o filme *A Festa de Babette* que é baseado num livro da escritora *Karen Blixen*. Depois de ganhar a lotaria, a cozinheira parisiense resolve oferecer um jantar com as melhores iguarias da cozinha francesa em honra do pastor protestante, chefe da família dinamarquesa que a acolheu. Através da comida, acaba por convencer os convivas a quebrar o seu puritanismo. Eis uma versão simpática, alheia a sentimentos de culpa. Sem querer embrenhar-me nos labirintos do cinema, recordo os *Sete Pecados Capitais* do realizador *David Fincher* onde um assassino psicopata, seguindo uma ordem precisa, tem como alvo pessoas que acredita representarem os tais sete (sete é um número cabalístico) pecados que ocorrem na vertigem dos close ups. Numa deriva visual, aterrando no território da fotografia, destaco a série *Gluttony* que congrega imagens vibrantes dentro daquela estética barroca a que *David LaChapelle* nos habituou. Convoco as ressonâncias de tudo isto na pintura detalhista de *Isabelle Faria* que se reduzem apenas a sugestões de tipo narrativo. Sem dúvida que os léxicos da expressão plástica invocada são muito diferentes.

A gula é uma obsessão distorcida, traduzindo-se em múltiplas perturbações, que se insere na tradição greco-romana dos banquetes exuberantes. As figuras desta artista exalam uma contenção que se reconhece na densa timidez das suas estratégias artísticas. Encenadas, produzidas, manipuladas numa espécie de espiral, parecem estar expostas perante uma camara invisível que as irá captar. Os quadros pressupõem uma acção, mas transmitem algo de estático que se torna inquietante. O discurso e o contra-discurso confrontam-se num embate sereno, confundindo o olhar do espectador que se encontra perante um desfile de figuras aparentemente seráficas mas perversas. As simbioses entre os personagens sem uma identidade definida, sempre diluídas no grupo de que fazem parte, suscitam as eternas perguntas sobre a condição humana. Não será arriscado pensar que se trata de uma existência imaginária e espectral. Nem sequer emerge uma assertiva declaração de princípios sobre o valor da parábola do bem e do mal. Na partilha dos impasses tece-se uma narrativa tal como nas “telas” de *Penélope*, envolta num *pattern* total, unívoco e homogéneo que se repete no espaço da intervenção pictórica. Recônditos significados abrem-se à leitura. Não obstante o artifício da indumentária de “época”, a imagem é um diagrama da vida do presente com as suas derivas e sobressaltos cada vez mais preocupantes.

Há um ar retro que emana invariavelmente dos quadros de *Isabelle Faria*. Os dados iconográficos não falam de um universo de moda. Da indumentária, da decoração, das coisas que estão precisamente *up to date*, o que sucede com a arte pop de *Lichtenstein*. E ainda, ainda. Não posso deixar de referir a poderosa presença das esculturas douradas que detêm uma forte carga plástica. Evanescentes e tangíveis. Foram inspiradas numa fábrica de Paris que exporta a sua produção de bonecas sexuais sobretudo para a China onde as fantasias provocadas pela *Agalmatofilia*, um termo de origem grega que consiste na irremediável atracção sexual por estátuas ou bonecas, atingem uma expressão impressionante. Outra vez, a interferência do cinema a afluir na argumentação. No filme *Casanova* de *Frederico Fellini*, a boneca mecânica chamada *Rosalva* supera todas as mulheres do grande amante.